

Discursos de Adolescentes da zona rural sobre a Adolescência

Larissa Raposo Diniz (Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco – e-mail: laralaracg@hotmail.com)

Pedro de Oliveira Filho (Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco – e-mail: deoliveirafilhopedro@gmail.com)

O estereótipo da adolescência como uma idade conturbada, marcada pela rebeldia e instabilidade emocional, como proposta por Stanley Hall¹, no início do século passado, ainda circula pela sociedade, e configura, de certa forma, as caracterizações ainda presentes nos estudos contemporâneos sobre essa etapa da vida. No Brasil as pesquisas que vêm sendo realizadas tendo a adolescência como temática são voltadas principalmente para a investigação de aspectos como o uso de drogas, ou para questões relacionadas à sua sexualidade, como a gravidez nesse período da vida, e, ultimamente com maior interesse, o seu envolvimento com a violência². Ou seja, são pesquisas que enfatizam os problemas da adolescência. Poucos estudos têm se empenhado em constituir novas maneiras de investigar esse fenômeno, a exemplo de Magro (2002).

De modo geral, as pesquisas salientam uma adolescência que se apresentaria, inicialmente, como um fenômeno com referências físicas e biológicas, ligado à idade, portanto, natural e universal, não sendo mais que um estágio, ou uma transição, a caminho da idade adulta. Para tanto, seria adotado um critério cronológico como seu principal demarcador. Estudos mais recentes têm observado, no entanto, que o desenvolvimento do adolescente não se restringe às alterações na esfera fisiológica, mas envolve também mudanças de papéis, idéias e comportamentos. Esses estudos têm advogado que se desloque a ênfase do substrato biológico da adolescência para os múltiplos processos de sua construção, histórica, cultural e socialmente determinados.

Dessa maneira, estamos entendendo a adolescência como um processo psicossociológico de transição entre a infância e a idade adulta, que se desenvolve num contexto histórico-cultural, no qual o adolescente busca se “definir por meio de suas atividades, de suas inclinações, de suas aspirações e de suas relações afetivas” (MARTINS, TRINDADE e ALMEIDA, 2003, p. 556).

Na maioria das pesquisas acadêmicas e dos projetos de desenvolvimento governamentais voltados para o mundo da agricultura familiar, a adolescência parece invisível e imprecisa. De acordo com John Durston (2001), as instituições que se dedicam aos jovens tendem a voltar suas atenções para o que acontece no meio urbano, deixando, assim, os problemas específicos dos jovens rurais sem a devida atenção.

Não obstante, a preferência pelo urbano se faz presente também nos estudos da Psicologia Social. Para Francisco Albuquerque (2002), apesar dos psicólogos sociais praticarem uma psicologia aplicada ao Brasil e ao brasileiro, com sua cultura, sutilezas e nuances próprias, continuamos a realizar uma psicologia preferencialmente urbana.

¹ Publicou “*Adolescence: its psychology and its relations to anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*” em 1904, Vol. I - II. N. Y., Appleton.

² Essa afirmação parte da nossa exploração do tema “adolescência” no banco de dados do Scielo, pela internet, verificando todos os artigos disponíveis em português listados no referido site durante o ano de 2008.

Desse modo, partindo do pressuposto de que a realidade na qual estamos inseridos influencia a construção da nossa subjetividade e contribui para a nossa maneira de ser no mundo, nos questionamos como os adolescentes de zonas rurais vivem essa fase da vida que ainda insiste em ser percebida como universal. Como deve se configurar o ser adolescente numa realidade tão adversa como é o meio rural? Que significados do ser adolescentes são construídos?

Vale ressaltar que compreendemos o rural como um contexto social e econômico distinto. Como referencial para nossa pesquisa, decidimos trabalhar com o conceito de rural proposto por Nazareth Wanderley (2006), no qual ela assinala que os espaços rurais são resultantes de três fatores fundamentais: “a ocupação do território e as formas de dominação social, que têm como base material a estrutura de posse e uso da terra e de outros recursos naturais; os processos sociais de conservação e uso social das paisagens naturais e construídas; e as relações campo-cidade” (p. 13). Mas admite que os espaços rurais podem apresentar uma grande diversidade interna, seja no que se refere aos tipos de aglomeração (população e densidades), seja na forma de integração às redes de pequenas cidades, ou nas atividades econômicas.

Nosso objetivo geral, nesse trabalho, é analisar as construções discursivas sobre a adolescência realizadas por adolescentes do meio rural pernambucano, objetivando, especificamente, identificar e analisar, a mobilização de termos, definições, descrições, e teorias sobre a adolescência nesses discursos.

Para tanto, escolhemos trabalhar com adolescentes de zonas rurais do estado pernambucano, realizando entrevistas semi-estruturadas com quatorze (14) adolescentes residentes na zona rural do município de Santa Terezinha, localizado no Alto Sertão do Pajeú do referido estado. Desses, sete (07) eram do sexo feminino e sete (07) do sexo masculino, com idades que variaram entre treze (13) e dezoito (18) anos.

Norteamos-nos, neste trabalho, pela perspectiva teórico-metodológica da Psicologia Social Discursiva, abordagem inicialmente estruturada pelos psicólogos sociais britânicos Jonathan Potter e Margareth Whetherel (1987), que foram os primeiros a escrever sobre a aplicação da análise de discurso dentro do campo da psicologia social, trazendo, dessa forma, grande contribuição com sua perspectiva discursiva que busca uma melhor compreensão da vida e interação sociais através do estudo dos textos sociais.

Para esses autores a palavra discurso é empregada num sentido amplo, “cobrindo todas as formas de interações faladas, formais e informais, e textos escritos de todos os tipos”³ (1987, p. 7). Enfatizam ainda que a preocupação deles não é com o discurso em si, uma vez que não são linguistas buscando acumular preocupações sociais à linguística através do estudo da pragmática. Na verdade, são psicólogos sociais que investem numa melhor compreensão da vida e interação sociais através do estudo dos textos sociais. Deste modo, nossa pesquisa situa-se no âmbito dos estudos do discurso como linguagem falada ou textual.

Nessa perspectiva, a linguagem não é considerada apenas como um instrumento de comunicação, mas sim como profundamente implicada nos processos de pensar e raciocinar. E não apenas de modo figurativo, conceitual, mas como um instrumento para a ação (POTTER, WETHERELL 1987). A linguagem é uma prática social, como na perspectiva bakhtiniana, e está situada num contexto histórico-ideológico. Nesse sentido, é válido considerar que os sentidos dos discursos são dependentes de seus usos em determinados contextos ou situações.

³ Tradução nossa de: (...) “to cover all forms of spoken interactions, formal and informal, and written texts of all kinds.”

A seguir apresentamos nossas análises das entrevistas realizadas com adolescentes da zona rural do município de Santa Terezinha (PE), como já explicitamos anteriormente. É importante deixar claro, no entanto, que as considerações que se seguirão dizem respeito a uma parte de um texto maior, que é a dissertação de mestrado de Larissa Raposo Diniz, um dos autores deste Trabalho. Portanto, o presente texto refere-se a um recorte das análises que construímos até o presente momento, uma vez que nos encontramos no período de redação do texto final.

A Adolescência

Adolescência como preparação para a vida adulta

Observamos que, nos discursos dos entrevistados, o fenômeno da adolescência está associado à idéia de passagem, de estágio e de período de maturação. Expressões como “período de transformação”, de “transição” e de “preparação para vida adulta” aparecem quando descrevem a adolescência. É o período no qual se preparam para ser adulto, à medida que crescem, adquirem experiências e aprendem com a vida, como podemos ver nos excertos retirados das entrevistas que realizamos com Valesca e Henrique⁴:

VALESCA - Eu acho que é a passagem... da infância pra fase adulta...

HENRIQUE - Todo tempo é bom pro cabra aprender as coisas, mas na adolescência, acho que é a fase ideal da gente procurar saber mais. Porque quando a gente é criança, é inocente, não sabe de nada, aí quando passa pra adolescência, aí se não tiver alguém que ensine as coisas ao cabra, aí puxa pro lado ruim. Isso é da natureza do homem... é... aí puxa pro lado ruim. Aí se não tiver alguém pra ensinar, se torna gente de bem não.

A adolescência seria esse período intermediário entre infância e idade adulta, mas que guarda em si características próprias e peculiares. A adolescência é, então, esse tempo de intenso aprendizado, quando não são mais crianças, mas ainda não têm condições de assumir plenamente as responsabilidades de um adulto. Nesse sentido, a infância e a adultez são tomadas como referência, seja para negar aquilo que é dito como infantil, seja para ter como meta o tornar-se adulto. E sendo um período de preparação, a inexperiência consistiria, dessa forma, uma característica da adolescência que aparece nos discursos dos entrevistados como sendo algo inerente ao ser adolescente, como algo da natureza da adolescência.

Por ser da essência da adolescência ser inexperiente, ela precisará de orientação e aconselhamento dos mais experientes, os adultos, que aparecem nas entrevistas revestidos principalmente na figura dos pais. A imagem dos adultos veiculada nas falas dos entrevistados é a de portadores de sabedoria, o que os torna merecedores de respeito.

É interessante assinalar que na fala de Henrique, a inexperiência característica da adolescência torna o adolescente vulnerável às influências negativas que viriam do próprio ser humano, da sua própria natureza. Se não tiver alguém que o eduque, que o ensine, o adolescente corre risco de não se tornar “gente de bem”.

A adolescência representaria, portanto, uma cisão com o tempo da infância e um caminhar em direção a idade adulta. A noção de fases da vida é bastante comum nos discursos dos entrevistados, o que denota uma reprodução de concepções sobre o

⁴ Os verdadeiros nomes de todos os entrevistados foram trocados para preservação de suas identidades. No texto colocamos pseudônimos escolhidos por eles mesmos.

desenvolvimento humano produzidas principalmente pelo discurso da psicologia do desenvolvimento.

Nesse sentido vale lembrar que, a partir da primeira metade do século XIX, surgiu um número considerável de estudos sobre a psicologia do desenvolvimento infantil, o que, na concepção de Maria Rita César (1998), marcaria o reconhecimento, no plano discursivo, da infância como objeto de estudo das ciências. Só mais tarde, na virada do século XX, é que surgiria a adolescência como foco de pesquisas das ciências médicas e psicopedagógicas, o que viria a se tornar um campo privilegiado de produção de saberes.

A adolescência e os estudos

A adolescência, enquanto esse momento de preparação ao qual eles se referem nos seus discursos, diz respeito ao aprendizado conquistado a partir das próprias vivências, mas também através dos estudos, como deixa claro Xaolin:

XAOLIN - Pra mim, eu acho que adolescência é viver o período que você é jovem, tentar aproveitar o que vier assim, pra você tentar aproveitar tudo o que der pra aproveitar, em questão de se divertir, de aproveitar o tempo que você tem nos estudos... no trabalho também, de você desenvolver a questão dos estudos pra ver se futuramente exerce uma profissão melhor... eu acho que seja isso.

É durante essa fase da vida que se dedicam com mais afinco aos estudos, pois estes apontarão para um futuro profissional mais seguro com a melhora no nível de escolaridade. Estudar e trabalhar são as principais atividades desenvolvidas pelos entrevistados. Eles dividem o dia-a-dia entre o trabalho no campo, ou as atividades domésticas no caso das meninas, e a dedicação aos estudos.

Essa noção da atividade de estudar como uma preparação para a futura vida profissional nos remete à reprodução da idéia da “moratória social”, que consiste naquele adiamento, socialmente legitimado, dos deveres e direitos sociais de produção, reprodução e participação dos adolescentes enquanto se dedicam à sua formação para que futuramente exerçam satisfatoriamente o papel de adultos (ABRAMO, BRANCO, 2005). É uma preparação para a entrada no mundo adulto, um período no qual a sociedade os prepara, a partir dos estudos, para se tornarem adultos responsáveis (CALLIGARIS, 2000).

Em seus discursos referem-se à adolescência enquanto uma fase de adquirir responsabilidades, à medida que se inserem no trabalho com a plantação e o cuidado com os animais da família para os meninos, ou com as atividades no lar para as meninas. É durante essa fase da vida que vão assumindo mais responsabilidades à medida que vão realizando atividades que são consideradas como de adultos. Maturidade e responsabilidade surgem como sinônimos.

Vale salientar, no entanto, que a ideia de moratória social não traduz fielmente o que acontece com os adolescentes que participaram da nossa pesquisa. Como são provenientes de famílias de pequenos agricultores, o trabalho na lavoura, ou com os animais, faz parte do seu dia-a-dia desde cedo na vida, pois precisam ajudar na geração de renda para que toda a família tenha condições de sustento. O engajamento de todos os membros da família em um sistema de atividades centrado no próprio estabelecimento - ou propriedade rural - é reconhecidamente uma das estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelos pequenos produtores rurais, como afirma Wanderley (2007). Nesse sentido, provavelmente não há para esses adolescentes aquele tempo voltado exclusivamente para os estudos para, logo em seguida, vir o tempo de procurar um emprego e só então chegar o tempo de trabalhar, como se supõe a partir da idéia de moratória social.

A adolescência como faixa etária

Para muitos dos adolescentes entrevistados uma forma de identificação com essa fase da vida é por meio da faixa etária. Além daqueles comportamentos típicos da adolescência, a idade também é usada para demarcar o pertencimento ou não a essa classe de pessoas, como podemos identificar nas seguintes falas:

MARCELO – Assim, na minha opinião, eu mesmo não acho que sou adolescente, não. Adolescente é de dezessete anos pra baixo. De dezoito pra cima já é de maior, já.

ENTREVISTADORA – Então adolescente é de dezessete anos pra baixo?

MARCELO – É, na minha opinião. Eu acho. Que são menores, podem fazer coisa errada...

No trecho da entrevista de Marcelo, que tem dezoito anos de idade, ao usar o termo “de maior” quando relacionado à idade de dezoito, e “menores” para aqueles que têm de dezessete anos pra baixo, está possivelmente usando como referência a faixa etária determinada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que define que a adolescência vai dos 12 anos completos aos 18 incompletos. Os termos “de maior” e “de menor”, da maneira como foram usados pelo entrevistado, são os mesmos usados no vocabulário comumente utilizado na área do Direito.

Apesar de ser marcante o uso de referencial comportamental como critério para definição da adolescência, a idade surge nos discursos como um importante demarcador biológico para esse fenômeno. Porém, vale salientar que, mais do que algo meramente cronológico, a idade nos localiza em grupos socialmente definidos. São os anos que nos fazem crianças, jovens, adultos ou idosos, trazendo consigo as expectativas acerca do comportamento socialmente esperado e adequado para tal idade, como afirma Caterina Lloret (1998).

O que a autora descreve é percebido na entrevista de Valesca, quando esta fala sobre como a mudança de uma faixa etária para outra pode alterar o modo como os outros vêem um determinado indivíduo:

VALESCA - Assim... adolescência, né?, começa mais ou menos na idade dos 12 anos. Aí pronto, quando passa dessa idade as pessoas já começam a olhar de forma diferente... muita gente, né?... Não é mais criança, se começa a brincar demais eles já começam a falar... “Olhe, fulana é uma mocinha e continua brincando aí, como se fosse criança”... A forma dos outros olhar, dos 12 anos por aí...

Nesse sentido, a categorização das etapas de nossa existência a partir do critério da idade, nos conduz a reconstruir nossa identidade em função de alguns parâmetros socialmente estabelecidos. Em troca nos é indicado, muitas vezes de forma implícita, outras mais explícita, quem podemos ser, o que podemos fazer e o que não nos é permitido nessa ou naquela idade. Portanto, idade e posicionamentos identitários andam juntos.

A adolescência como fase de crises

Para alguns dos adolescentes entrevistados a adolescência é uma fase de confusões, de problemas. Aislane fala da adolescência como uma época de conflitos:

AISLANE - Acho que é uma fase de tumultos, de confusão de pensamentos, sei lá... opiniões diferentes, é uma coisa, assim, tão... Porque quando você é criança, você não pensa muito no que faz. Você faz ali e não quer saber se é certo ou é errado. Acho que quando você é adolescente você já tem mais uma noção do que

é certo e do que é errado, do que você quer... do que você pode e do que você não pode. E muitas vezes, assim, você fica confusa, acho que em tudo. Eu acho que todo adolescente é confuso! É aquela coisa, não se entende... porque eu sou assim, não me entendo muitas vezes.

No discurso dela encontramos mais uma vez a comparação entre adolescência e infância, esta sendo caracterizada como uma época de “inconseqüência permitida”, na medida em que é indultada pela sua falta de maturidade e de experiência de vida. É só a partir da adolescência que o jovem vai aprendendo a identificar o que é certo do que é errado, o que lhe é permitido e o que não é.

Aislane fala de uma adolescência marcada por conflitos internos, ressaltando, ainda, o seu caráter de aprendizado e de tomada de consciência que também encontramos nos discursos de outros entrevistados. O interessante é que ela não apenas descreve a adolescência dessa maneira, ela se descreve como uma pessoa confusa, que não compreende bem a si própria. Nesse ponto gostaríamos de trazer para discussão algo que fomos observando no decorrer das nossas análises.

Alguns dos adolescentes entrevistados logo se identificavam com a descrição de adolescência que eles mesmos construíam no momento da entrevista, enquanto que outros preferiram se distanciar um pouco daquilo que construíam. De modo geral, quando a descrição da adolescência se aproximava mais de um ideal de adolescente, eles se posicionavam de maneira a se aproximar desse ideal, enquanto que, por outro lado, quando a descrição remetia a uma imagem de adolescente muito próxima daquela popularizada pelo termo “aborrecente”, eles tendiam a se afastar.

Alguns reconheciam em si características desse “aborrecente”, como o sentir-se confuso, ou ser um pouco teimoso, um pouco destemido, mas, mesmo eles, não chegavam a fazer descrições de si próprios em que apareciam como jovens envolvidos com os problemas que eles comumente relacionavam à adolescência, como o consumo de bebidas, a agressividade, a rebeldia, a impulsividade, a falta de respeito para com os pais, o dirigir em alta velocidade e as brigas.

Considerações Finais

Observamos que, nos discursos dos entrevistados, o fenômeno da adolescência está associado à idéia de passagem, de estágio e de período de maturação. Expressões como “preparação para vida adulta”, “conflitos e confusões”, como também “curtição com os colegas” e “namoricos” estão muito presente nas suas falas quando descrevem a adolescência. Foi interessante notar, ainda, como foi recorrente em seus discursos a noção de adolescência enquanto uma fase de adquirir responsabilidades à medida que se inserem no mundo do trabalho.

Diante do exposto, podemos concluir que é evidente a reprodução das concepções sobre adolescência produzidas principalmente pelo discurso da psicologia do desenvolvimento, quando ressaltam o seu caráter de fase da vida, bem como do estereótipo de adolescência que continua a caracterizá-la como a idade das “crises”.

Referências

ABRAMO, H. W., BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (orgs), São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2005.

ALBUQUERQUE, F. J. B. de. Social psychology and rural life in Brazil. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 18, n. 1, 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 June 2008.

CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CÉSAR, M. R. de A. **A Invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico**. Dissertação defendida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

DURSTON, J. **Capacitación microempresarial de jóvenes rurales indígenas en Chile**. Lecciones del CTI del Programa “Chile Joven” (SENCE/INDAP) en dos comunidades mapuches. Santiago (Chile): Publicação das Nações Unidas, 2001.

HALL, G. S. **Adolescence: its psychology and its relation to antropology, sociology, sex, crime, religion and education**. Vol. I - II. N. Y., Appleton, 1904.

LLORET, C. As outras idades ou as idades do outro. In LARROSA, J. PÉREZ, L(orgs). **Imagens do outro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAGRO, V. M. de M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 Jun 2008.

MARTINS, P. de O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A.M.de O. O Ter e o Ser: Representações Sociais da Adolescência entre Adolescentes de Inserção Urbana e Rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003.

POTTER, H.; WETHERELL, M. **Discourse and social psychology: beyond attitudes and behavior**. London: Sage Publications, 1987.

WANDERLEY, M. N. B. Jovens Rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E.G. (orgs). **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WANDERLEY, M. N. B.. **Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro**. 2006 (Relatório de Pesquisa para o CNPq).